

A dialética expositiva de *O Capital* de Karl Marx

Carlos Prado*

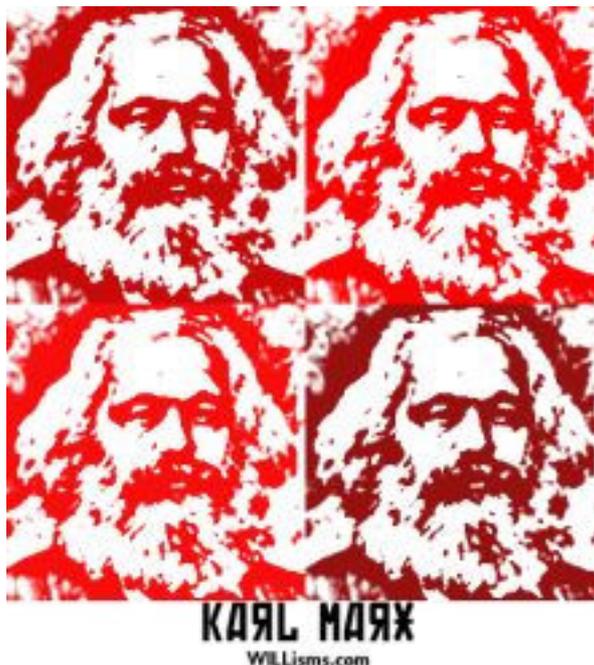
Resumo: Este artigo tem o objetivo de analisar a forma expositiva dialética de *O Capital* de Karl Marx. O modo de exposição utilizado por Marx segue a tradição dialética e ascende do *abstrato* ao *concreto*, da aparência para a essência. Começa no nível mais simples e vazio de conteúdo para aos poucos ir desenvolvendo as contradições, acrescentando as determinações políticas, econômicas e sociais, para assim desvelar a essência por trás das formas aparentes.

Palavras-chave: Capital; Modo de Exposição; Dialética.

Abstract: This article has objective analyze the dialectic expositive form of The Capital of Karl Marx. The method of exposure used by Marx follows the dialectics tradition and amounts of abstract to concrete, the appearance to the essence. Begins at simple and empty of content to just go to the contradictions developing, adding determinations political, economic and social, so as to reveal the essence behind the forms apparent.

Key words: Capital; Exposure mode; Dialectic.

Os pensadores marxistas reconhecem e afirmam que *O Capital* é a principal obra de Marx. Paradoxalmente, apesar de todo esse reconhecimento e até certa ‘sacralização’ da obra¹ *O Capital* ainda hoje, quase 150 anos após a publicação de seu primeiro livro, continua sendo um texto pouco lido, pouco compreendido e pouco estudado. Mesmo diante de toda sua importância teórica, *O Capital* parece não fazer muito ‘sucesso’ dentro e fora da academia, pois continua sendo objeto de estudo de poucas pesquisas.² É muito mais comum encontrar livros, artigos, trabalhos, dissertações e teses que tratam e investigam os *Manuscritos de Paris de 1844* (especialmente o trabalho alienado), a *Ideologia Alemã*



* Mestrando em Filosofia Política pela Universidade do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

¹ Engels afirma que “O Capital, no continente europeu, é chamado frequentemente de Bíblia da classe operária”. (apud MARX, 1983, p. 33).

² “O Capital é completamente *sui generis*. Não há de remotamente semelhante a ele antes ou depois, o que talvez explique por que é tão constantemente negligenciado ou mal interpretado”. (WHEEN, 2007, p. 87).

ou o *Manifesto Comunista*. São poucos os intelectuais que se arriscam na pesquisa dessa obra tão complexa e instigadora.

É certo que *O Capital* é um texto volumoso e pesado, de difícil compreensão. Não obstante, compreendemos que boa parte da dificuldade em ler e compreender a obra magna de Marx se deve ao não conhecimento do método dialético de exposição. A compreensão sistemática de *O Capital* só pode ser alcançada mediante uma análise de seu método expositivo. A exposição de Marx é completamente estranha ao método desenvolvido e aplicado pelos economistas clássicos. *O Capital* não deve ser compreendido como uma obra de Economia Política, mas, sim, como uma obra filosófica, à luz da filosofia de Hegel e da tradição dialética, nascida entre os filósofos gregos da antiguidade.

O modo de exposição, devido ao seu caráter central foi longamente pensado por Marx. Segundo Rosdolsky, Marx elaborou dois planos de exposição para sua obra, o primeiro em 1857 e o segundo em 1866. O primeiro, continha seis livros e uma “Introdução Geral”. Segundo McLellan, esta introdução “discutia o problema do método no estudo da economia política e tentava justificar a ordem não histórica das seções na obra que havia de seguir” (1990, p. 311). Os seis livros que compunham esse primeiro modelo expositivo eram; 1) O livro do Capital; 2) O livro da propriedade da terra; 3) O livro do trabalho assalariado; 4) O livro do Estado; 5) O livro do comércio exterior; 6) O livro do mercado mundial e as crises.

Todavia, este plano inicial foi alterado. No prefácio de *Para a crítica da economia política*, de 1859, Marx (1982, p. 24) alegou que: “Suprimo uma introdução geral que havia esboçado, pois, graças a uma reflexão mais atenta, parece-me que toda antecipação perturbaria os resultados ainda por provar, e o leitor que se dispuser a seguir-me terá que se decidir a ascender do particular ao geral”.

No final da década de 1850, toda a pesquisa de Marx já estava realizada, todo o material já estava pronto na forma de cerca de 800 páginas manuscritas. A grande questão que ainda o atormentava era a forma, ou seja, o método de exposição de todo esse material. No mesmo prefácio, Marx (1982, p.23) afirmou: “Tenho diante de mim o conjunto do material sob a forma de monografias que foram redigidas com longos intervalos, não para serem impressas, mas para minha própria compreensão, e cuja elaboração sistemática, segundo o plano dado, dependerá de circunstâncias exteriores.” E em novembro, numa carta encaminhada a Lassale, Marx novamente observou que o “material está diante de mim; a questão é apenas a forma” (*apud* McLellan, p. 328).

O plano pelo qual *O Capital* veio a ser publicado foi finalmente elaborado em 1865-1866. Portanto, houve um intervalo de nove anos de estudos e experimentações, até Marx encontrar a forma adequada para a sua exposição.³ Em 1867, no Prefácio da primeira edição, pode-se ler: “A exposição está aperfeiçoada”. Marx havia finalmente encontrado a forma ideal para exposição de *O Capital*. Dividido em três livros: Livro I, Processo de produção do capital, (o único acabado); Livro II, Processo de circulação do capital; Livro III, Processo global de produção capitalista;

³ “A grande preocupação de Marx pela forma definitiva da sua exposição seria inseparável do conteúdo revolucionário contido em *O Capital*. A busca de Marx por uma ordem de exposição ‘ideal’, [...] seria, na verdade, a procura do momento sintético do analítico, isto é, a superior e interna unidade dialética entre as partes, o momento propriamente dialético” (BENOIT, 1997, p.11).

No pós-fácio da segunda edição de *O Capital*, de 1873, Marx (1983, p. 18) afirma que: “O método aplicado em *O Capital* foi pouco entendido”. Tentando esclarecer as discussões e as dificuldades em entender a exposição de sua obra, Marx (1983, p.21) declara-se discípulo de Hegel e salienta: “A mistificação que a dialética sofre nas mãos de Hegel não impede, de modo algum, que ele tenha sido o primeiro a expor as suas formas gerais do movimento, de maneira ampla e consciente. É necessário invertê-la, para descobrir o cerne racional dentro do invólucro místico”. Nos anos de 1857-58, Marx releu a *Ciência da lógica* de Hegel. Esta obra teve grande influência quanto ao modo de exposição de *O Capital*.

Nessa obra, Hegel se preocupa com a questão da exposição filosófica. A partir do momento em que o pesquisador já tem a resposta para a pergunta da sua pesquisa, ele deve expor os seus resultados. Hegel se preocupa com essa exposição. Como expor os resultados do pensamento filosófico? Por onde começar? Segundo Hegel (1956, p. 95 – tradução nossa): “o começo como começo do *pensar*, deve ser totalmente abstrato, universal, forma pura sem nenhum conteúdo; não teríamos assim nada mais que a representação de um simples começo como tal”. A faculdade de abstrair significa subtrair, quer dizer, diferenciar aquilo que é essencial daquilo que é secundário e que, portanto, devem ser abstraídos, para que dessa forma, prevaleça aquilo que é o objeto central. O ponto de partida do modo de exposição são os conceitos mais abstratos e imediatos, partindo das representações mais sensíveis, simples e cotidianas, ou seja, da temporalidade presente e consciência imediata dos agentes.

No prefácio da Primeira Edição de *O Capital*, Marx adverte que essa primeira esfera abstrata e indeterminada seria o momento em que o leitor encontraria maiores dificuldades em sua leitura. Segundo Marx (1983, p. 11): “Todo começo é difícil: isso vale pra qualquer ciência. O entendimento do capítulo I, em especial a parte que contém a análise da mercadoria, apresentará, portanto, a dificuldade maior”. Mas afinal, qual a razão fundamental para a dificuldade em compreender o começo da exposição?

Marx (1983, p. 11) salienta que o início da exposição no qual investiga a mercadoria, a forma valor, a forma dinheiro “é muito simples e vazia de conteúdo”. E está indeterminação abstrata seria a razão da dificuldade do entendimento. Compreendendo as dificuldades fundadas por sua ordem expositiva, Marx orienta no Prefácio da Edição Francesa de *O Capital*, para que o leitor não “venha a desanimar em prosseguir a leitura porque tudo não se encontra logo no começo”. E ainda acrescenta que: “Essa é uma dificuldade contra a qual nada posso fazer, exceto prevenir e acautelar os leitores sequiosos da verdade” (MARX, 1983, p. 23).

Marx afirma que seus leitores que almejam encontrar a verdade deverão seguir a exposição da obra. Ora, o conhecimento abstrato é insuficiente, é preciso superá-lo, dado que ele compreende partes e fenômenos isolados e não atinge a totalidade histórica. Para onde avança a exposição? Hegel (1956, p. 92 – tradução nossa) afirma que: “o avançar é um *retroceder ao fundamento*, ao *originário e verdadeiro*, do qual depende o princípio com que se começou e pelo qual a realidade se produziu”. Portanto, avançar é um retroceder. Partindo desse princípio, o movimento dialético da exposição de *O Capital* avança em direção ao fundamento, ao princípio histórico originário que está *postó* sob as contradições da produção capitalista. Segundo Marx (1982, p. 14):

O concreto é concreto porque é a síntese de muitas determinações, isto é, unidade do diverso. Por isso o concreto aparece no pensamento como o processo da síntese, como

resultado, não como ponto de partida, ainda que seja o ponto de partida efetivo e, portanto, o ponto de partida também da intuição e da representação.

O método de avançar do abstrato para o concreto, ou seja, de tratar o concreto, a totalidade histórica, a partir de suas determinações mais abstratas e simples, era claramente o método expositivo correto. Marx (1982, p. 15) afirma que: “Nessa medida, o curso do pensamento abstrato que se eleva do mais simples ao complexo corresponde ao processo histórico efetivo”.

Segundo Benoit, o método dialético de Marx é o próprio modo de exposição de *O Capital*.⁴ O movimento pode ser denominado como do *abstrato ao concreto*, da *aparência à essência*. Assim, o conceito de capital é desenvolvido pelo movimento negativo da obra, a partir de suas formas mais simples e aparentes, o movimento negativo de superação dialética avança para as formas mais complexas e concretas do capital.

O Livro Primeiro de *O Capital* tem o subtítulo de *O processo de produção do capital*. Durante seus 25 capítulos, Marx busca desvendar a produção da mais-valia, os fundamentos da produção do capital e exploração da força de trabalho. Já no Livro Segundo, com o subtítulo de *O processo de circulação do capital*, Marx analisa exclusivamente a esfera da circulação do capital e a realização da mais-valia. Mas é apenas no Terceiro Livro, *O processo global de produção capitalista*, que os fundamentos da sociedade do capitalista são desvelados e investigados em sua totalidade concreta. Nos dois primeiros livros toda a investigação ainda é abstrata, não compreendo o movimento total do capital. Marx analisa primeiro a esfera produtiva em abstraindo a circulação, depois a esfera da circulação abstraindo a produção, para por fim, investigar o processo global, concreto e total produção capitalista. Portanto, é somente no Livro Terceiro que toda a abstração se encerra e a totalidade do processo é exposta.

Nesse breve artigo, investigaremos apenas a exposição do Livro Primeiro de *O Capital*. A exposição começa analisando a mercadoria, a forma mais imediata do modo de produção capitalista. Por que partir da riqueza, a categoria mais abstrata e ilusória dessa sociedade? “Trata-se de partir do modo de produção capitalista como ele aparece para a consciência atual mais imediata e alienada, consciência ainda adormecida pela ideologia burguesa, consciência sem nenhum desenvolvimento”. (BENOIT, 1997, p.13). Dessa maneira, a exposição se inicia pela forma mais aparente da sociedade capitalista. “O que aqui reina é unicamente Liberdade, Igualdade, Propriedade e Bentham”. (MARX, 1983, p. 144).⁵

⁴ “A dialética é o instrumento metodológico que permite a Marx tentar superar a forma analítica de sua pesquisa, ou seja, a dialética é o método através do qual Marx procura reconstruir a totalidade viva do real. Isto é, a dialética seria o *logos* que procura reconstruir a totalidade viva do real como estar apresentar antes e aquém da ruptura analítica de um sujeito que, por abstrações perceptivas, se aproximou de partes desta totalidade, a dividindo e a recortando. Aqui estaria a necessidade da dialética em Marx: como e enquanto modo de exposição: a dialética seria o retorno sintético do analítico ou a reconstrução correta do universal” (BENOIT, 2003).

⁵ “Marx inicia a crítica da sociedade burguesa e a exposição de seus conceitos e momentos fundamentais, tomando como ponto de partida as representações mais sensíveis e grosseiras que os agentes da produção, tanto operários quanto capitalistas, possuem sobre o próprio capitalismo. Toma como ponto de partida a opinião que ambos formam sobre a riqueza da sociedade burguesa e desta, escolhe a mercadoria singular para análise e crítica. Toma como ponto de partida, portanto, a própria temporalidade presente, imediata,

No primeiro capítulo, Marx investiga a mercadoria, que chama de forma celular do capital. A partir dela desenvolve os conceitos de valor de uso e valor de troca, trabalho concreto e trabalho abstrato, chega assim a uma nova teoria do valor. Investiga também as formas do valor e encontra o dinheiro como equivalente universal de troca de mercadorias. Desvela o fetiche, processo pelo qual a mercadoria ganha vida e passa a dominar as relações sociais. No momento seguinte, o processo de troca é analisado, do qual surge apenas uma relação comercial, onde um vendedor se relaciona com um comprador de mercadorias. O operário e o burguês não aparecem como tal, mas apenas o proprietário da mercadoria e o proprietário do dinheiro. Nessa esfera abstrata, as classes sociais estão mistificadas, ocultadas na forma de indivíduos iguais, livres e proprietários, realizando uma “justa” troca de equivalentes.⁶

A circulação simples de mercadorias é apresentada pela seguinte forma: $M - D - M$. O dinheiro aparece apenas como o mediador dessa relação. O fim do processo de troca aparece como a satisfação da necessidade de ambas as partes envolvidas na relação comercial. Mas na circulação capitalista de mercadorias o dinheiro deixa de ocupar a posição de mediador da relação de troca e se transforma em fim último do processo. A relação se torna $D - M - D$. Marx se atenta para uma importante questão. Como o dinheiro se desenvolve e se transforma em Capital? Está problemática é investigada na seção II, capítulo IV, “A transformação do dinheiro em capital”. Essa relação na qual o dinheiro é a finalidade do processo só faz sentido se ao final do intercâmbio houver uma diferença quantitativa. Assim, a fórmula é: $D - M - D'$. Esse aumento quantitativo do valor inicial é o que converte o dinheiro em capital. E é justamente esse incremento, esse excedente que Marx chama de mais-valia.

Uma nova questão surge, onde a mais-valia é produzida? Na esfera da circulação? Para Marx a resposta é negativa, pois “se forem trocados equivalentes, não nasce daí mais-valia, e se forem trocados não-equivalentes, ainda assim também não nasce nenhuma mais-valia. A circulação ou troca de mercadorias não cria qualquer valor”. (1983, p.137). A mais-valia não tem sua origem no mercado, na abstrata troca de equivalentes. Nessas condições, Marx ao final do capítulo IV, faz um convite ao leitor: “Abandonemos então, junto com o possuidor de dinheiro e o possuidor da força de trabalho, essa esfera ruidosa, existente na superfície e acessível aos olhos, para seguir os dois ao local oculto da produção.” (MARX, 1983, p.144). Para desvelar os segredos da produção da mais-valia é preciso adentrar ao chão da fábrica, na esfera da produção, num grau mais determinado da exposição.

Na seção III, é investigada “A produção da mais-valia absoluta”, no interior do processo produtivo. As contradições, já manifestadas na esfera da circulação, não desaparecem ou são resolvidas na esfera da produção, mas sim, são desdobradas em novos antagonismos. Na fábrica se encontram o trabalhador que vende sua força de trabalho e

cotidiana, destes agentes. (ANTUNES, 2005, p. 38). “Desde o início Marx alertava os leitores para o fato de que estavam penetrando uma terra de fantasia onde nada é o que parece. [...] As páginas do *Capital* contêm frases como “objetividade fantasmagórica”, “aparência sem substância”, “meras ilusões” e “falsa aparência”. Somente ao transpor os véus da ilusão pôde ele revelar a exploração que dá vida ao capitalismo”. (WHENN, 2007, p. 46 – 47).

⁶ “Marx parte das abstrações universalizadoras unicamente com a intenção de em seguida iniciar o processo negativo de exposição, de demonstrar o caráter unilateral, enganoso e ilusório destas abstrações, de demonstrar que por trás destas abstrações da economia política burguesa esconde-se uma realidade totalmente diferente e inversa à realidade apresentada abstramente”. (ANTUNES, 2005, p. 199).

o capitalista que a compra por um salário. Assim, surgem à oposição entre dois fatores, o subjetivo que corresponde à força de trabalho e o objetivo que são os meios de produção, correspondentemente, capital variável e capital constante. O segredo da mais-valia é que o proletário reproduz a si mesmo e cria um excedente. Esse excedente é a mais-valia.

A contradição se desdobra entre o trabalho pago e o trabalho não-pago, entre o trabalho necessário e o trabalho excedente. Aqui, a luta de classe é posta. No exame da mais-valia absoluta e relativa às contradições se aprofundam. Surge o antagonismo entre uma classe que cria valor e outra que se apropria desse valor, se apropria do trabalho alheio. “As contradições e a crítica começam a mostrar-se como perpassadas pela luta histórica, a luta cujos personagens começam a tornar-se *classes* determinadas, *classes em luta*, e não meras categorias econômicas ou lógicas, não meros possuidores individuais de mercadorias.” (BENOIT, 1996, p. 29).

Aparecem discussões como limitação da jornada de trabalho. E a voz do operário ecoa: “Exijo a jornada normal de trabalho, porque exijo o valor de minha mercadoria, como qualquer outro vendedor”. (MARX, 1983, p. 239). O operário luta pela regulamentação do tempo diário de trabalho e por um salário “justo”. A consciência que no início da exposição era a mais aparente possível já sofreu transformações e as ilusões de liberdade, igualdade e fraternidade evaporaram e deu lugar apenas a tirania da fábrica.

Quando Marx investiga a produção da mais-valia relativa, fica claro que o desenvolvimento das máquinas possibilita a diminuição da jornada diária de trabalho, mas a melhor produtividade das máquinas tem como verdadeiro objetivo, melhor explorar o trabalho do operário. O desenvolvimento das forças produtivas (divisão do trabalho, manufatura e indústria) aumenta a produtividade do trabalho, mas não liberta a classe trabalhadora das relações coercitivas no interior do processo produtivo, apenas desenvolve as contradições, e acirra ainda mais a luta entre as classes.

A luta de classes foi posta pelos pressupostos históricos, mas ainda é uma luta positiva e abstrata, ainda não se desmascarou a legitimidade da propriedade burguesa sobre os meios de produção. Quando na seção VII, capítulos XXI e seguintes, analisam a “Reprodução Simples”, “Transformação da Mais-Valia em Capital”, “A Lei Geral da Acumulação Capitalista” e finalmente o processo de “Acumulação Primitiva” se desvela finalmente à natureza do modo de produção capitalista e, assim, a dominação burguesa é colocada em xeque. A classe trabalhadora descobre que é paga com o seu próprio trabalho e, definitivamente são desmascaradas as ilusões sobre a troca de equivalentes entre capital e trabalho. A própria propriedade capitalista começa a ser desvelada e contestada pelas leis de apropriação capitalista.

E como dizia Hegel; “avançar é um retroceder”, o livro primeiro de *O Capital* se encerra investigando a acumulação originária do Capital. Marx elucida a violência como ponto de partida da gênese burguesa, ou seja, ponto de partida da formação do capital. A mercadoria e o dinheiro para sua transformação em capital requerem certas condições materiais. As relações capitalistas para se desenvolverem necessitam “de um lado, possuidores de dinheiro, meios de produção e meios de subsistência (...) do outro, trabalhadores livres, vendedores da própria força de trabalho”. (MARX, 1984, p. 262). Mas, trabalhadores livres em que sentido? “Trabalhadores livres no duplo sentido, porque não pertencem diretamente aos meios de produção, como os escravos, os servos etc., nem os meios de produção lhes pertencem, como por exemplo, o camponês

economicamente autônomo.” (MARX, 1984, p. 262). O trabalhador se tornou livre e no reino da liberdade não pôde mais satisfazer suas necessidades básicas, e para produzir sua vida material, passou a ser necessário vender a sua força de trabalho.

Essa divisão da sociedade em duas classes distintas, proprietários e não proprietários dos meios de produção é a condição fundamental para o desenvolvimento das relações de produção capitalista. Portanto, “A relação capital pressupõe a separação entre os trabalhadores e a propriedade das condições da realização do trabalho.” (MARX, 1984, p. 262). Era necessário que se produzisse mão-de-obra assalariada em escala crescente, ou seja, trabalhadores desprovidos, expropriados, alienado dos meios de produção. “A assim chamada acumulação primitiva é, portanto, nada mais que o processo histórico de separação entre produtor e meio de produção. Ele aparece como “primitivo” porque constitui a pré-história do capital e do modo de produção que lhe corresponde”. (MARX, 1984, p. 262).⁷

A grande preocupação de Marx é, portanto, desvendar como ocorreu a separação do trabalhador direto das condições objetivas do trabalho. Em outras palavras, o que interessa é demonstrar como o antagonismo entre a classe burguesa e proletária se fundou historicamente. No segundo item do capítulo XXIV, “Expropriação do povo do campo de sua base fundiária”, são descritos os vários momentos da violenta separação do camponês aos seus meios de produção. No item seguinte, “Legislação sanguinária”, mostra o papel disciplinador de leis terroristas. O camponês expropriado era açoitado e marcado a ferro para se enquadrar a nova ordem estabelecida.

A violência de classes é o fim do primeiro livro de *O Capital*, fim que, na verdade, é o princípio (*Grund,arché*), princípio pressuposto no modo de exposição desde o começo. Mas este princípio está pressuposto no modo de exposição não porque seja um princípio *a priori*, ele está lá no começo enquanto pressuposto, mas só na medida em que ele já está lá *objetivamente e historicamente* posto enquanto princípio do modo de produção capitalista. O que fez exatamente o *desenvolvimento dialético* do modo de exposição foi *demonstrar* qual é o princípio *histórico* que está posto sob as contradições do modo de produção capitalista. (BENOIT, 1996, p. 39).

Ao desmascarar a violenta origem da sociedade capitalista, o último item desse capítulo, “Tendência histórica da acumulação capitalista”, aponta para a negação do modo de produção capitalista. “O que está agora para ser expropriado já não é o trabalhador economicamente autônomo, mas o capitalista que explora muitos trabalhadores (...) Soa a hora final da propriedade privada capitalista. Os expropriadores são expropriados”. (MARX, 1984, p. 293 – 294). O movimento dialético se completa, é anunciada a “negação da negação”. Ao final da exposição à revolução socialista aparece como a superação das contradições da sociedade capitalista.

Como se vê, a exposição de *O Capital* avançou das formas mais abstratas até as suas formas mais concretas. Ao longo da exposição o conceito de capital foi sendo

⁷ “O paradoxo da noção de acumulação primitiva de capital consiste em que ela é uma acumulação de capital que se realiza sem o capital, é uma acumulação necessária para formar o capital. Diferente da noção de acumulação primitiva é a noção de acumulação de capital. Esta se realiza a partir da existência do capital e, por isso, o tem como pressuposto. A acumulação de capital se realiza convertendo o resultado do capital, a mais-valia, em novo capital, se realiza a partir, portanto de um capital já formado. A acumulação primitiva de capital é a acumulação necessária para formar o primeiro capital e não parte, portanto, de um capital já formado, mas, ao contrário, parte da inexistência do capital.” (ANTUNES, 2005, p. 501).

construído, desenvolvido de maneira progressiva. Partindo da mercadoria foram serão introduzidos, pouco a pouco, os pressupostos históricos, sociais, políticos e econômicos que compõem a sociedade capitalista. E na medida em que os pressupostos foram postos, enquanto ex-postos, as contradições da relação trabalho-capital foram reveladas. A exposição dialética que ascende do abstrato ao concreto desvelou as aparências e fantasias em torno do conceito de capital. Se a princípio, na esfera abstrata da circulação, os homens eram livres e iguais, ao final da exposição se revelou toda a exploração e violência da luta de classes.

Compreendemos que diante da atual crise financeira e sócio-ambiental que ameaça a sobrevivência da humanidade, o estudo sistemático de *O Capital* de Marx se faz necessário e urgente. Sua obra é atual, pois não está presa a formas aparentes, Marx investiga e desenvolve o conteúdo do conceito de capital, trata da sua essência que é imutável, independente da forma que esse capital adquira, seja, monopolista, imperialista, etc. Diante da ausência de perspectivas e respostas em que a humanidade se encontra hoje, a leitura de *O Capital* aparece como uma excelente alternativa.

Referências

ANTUNES, Jadir. *Da possibilidade à realidade: o desenvolvimento dialético das crises em O Capital de Marx*. Campinas: Unicamp/IFCH (Tese de Doutorado em Filosofia), 2005.

BENOIT, Hector. Da lógica com um grande “L” à lógica de O Capital. In: NAVARRO, Caio et. ali. *Marxismo e Ciências Humanas*. São Paulo: FAPESP/Cemarx/IFCH-UNICAMP, 2003.

_____. Sobre a crítica (dialética) de O Capital. *Revista Crítica Marxista*, nº 03. São Paulo: Xamã, 1996, p. 14 – 44.

_____. Sobre o desenvolvimento (dialético) do programa. *Revista Crítica Marxista*, nº 04. São Paulo: Xamã, 1997, p. 09 – 44.

MARX, Karl. *Para a crítica da economia política*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

_____. *O Capital: Crítica da economia política*. Vol. I, Tomo I. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

_____. *O Capital: Crítica da economia política*. Vol. I, Tomo II. São, Paulo: Abril Cultural, 1984.

MCLELLAN, David. *Karl Marx: Vida e pensamento*. Petrópolis: Vozes, 1990.

ROSDOLSKY, Roman. *Gênese e estrutura de O Capital de Karl Marx*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

WHEEN, Francis. *O Capital de Marx*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.